

A autocrítica dos credores

A leitura dos anais do seminário sobre a retomada econômica da América Latina, organizado na semana passada, em Londres, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, deveria encorajar nossas autoridades que com tantas dificuldades estão renegociando a dívida externa, como deveria convencer os credores que algo tem de mudar.

Foi o ex-presidente do *Federal Reserve Board* (Banco Central dos Estados Unidos), sr. Paul Volker, quem abriu o jogo levando os banqueiros presentes a fazer o que podemos considerar uma verdadeira autocrítica do seu desempenho desde a crise de 1982. Levantou uma pergunta muito séria: será que os credores querem agir construtivamente? Acrescentando que "o pânico dos credores está atrapalhando o caminho de uma solução construtiva" no meio de tanta incerteza, o sr. Paul Volker considera que "os maiores países devedores têm as condições de servir suas dívidas sem afetar a estabilidade do seu crescimento... mas para isso precisavam de perspectivas de longo prazo,

prazos bem maiores do que os que foram negociados desde 1982". Nem temeu em afirmar que as idas e voltas nas negociações são muitas vezes provocadas pelos credores, acrescentando que a falta de coesão entre os interessados dos bancos credores constitui um elemento de interrupção e fracasso de negociações.

O ex-presidente da FED, que acompanhou de perto todas as negociações até o final do ano passado, sabe do que fala. Poder-se-ia pensar todavia que os interessados — os bancos credores — não tivessem a mesma opinião. A surpresa da reunião de Londres é que os banqueiros aceitaram sem reagir tais críticas. Foi William Rhodes, presidente do Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores, quem, no mesmo seminário, reconheceu: "Os bancos comerciais estão atados à estrutura desajeitada dos comitês assessores" e todos os protagonistas da crise precisam ser mais criativos. É uma tese que o Brasil está defendendo, em vão, há muitos

anos. O presidente do *Swiss Bank Corporation*, sr. Franz Lutolf, deu razão a Paul Volker ao reconhecer que os interesses divergentes dos banqueiros são um elemento forte na atual dificuldade nas renegociações. Vai além, ao sugerir que os bancos credores atuem como o fazem normalmente com seus clientes: adiar parcial ou totalmente o pagamento de juros.

Como se verifica, existe uma conscientização entre os credores de que não se deve adotar uma posição de desespero mas acreditar na possibilidade de resolver o problema, ao reconhecer que diante de uma crise não de insolvência mas de dificuldades de caixa é preciso adotar medidas estruturais que somente terão êxito se não se condenar os países credores a adotar medidas anormalmente recessivas.

Em diversas ocasiões, o sr. Paul Volker referiu-se ao Brasil. Em primeiro lugar, por elogiar nosso governo por ter reconhecido que a moratória decretada unilateralmente foi um grave erro e mostrar eviden-

tes sinais de boa vontade para reintegrar a comunidade financeira internacional, inclusive assinar um acordo com o FMI. Ao se referir aos países devedores da América Latina, o ex-presidente do FED afirmou: "O Brasil, contudo, é claramente o mais viável de todos, pois tem uma economia diversificada e relativamente dinâmica".

Ao lembrar que o ministro das relações internacionais da França recentemente prometeu seu total apoio ao Brasil nas suas relações com o Clube de Paris, desde que assinemos um acordo com o FMI, podemos verificar que existem novas oportunidades de resolvermos um problema que, hoje, paralisa nosso desenvolvimento. Nas relações com a comunidade financeira internacional devemos fazer tudo para mostrar que nosso interesse é poder contar com o reinício dos fluxos de capital para o País, único meio capaz de nos permitir assumir plenamente nossos compromissos externos e de manter um crescimento econômico do qual também os credores tirarão proveito.